



“SPEAK”: PROBLEMATIZANDO VIOLÊNCIAS SEXUAIS, SILENCIAMENTOS E CINEMA COM ADOLESCENTES

Lívia Monique de Castro Faria¹
Alessandro Garcia Paulino²
Maria de Fátima Ribeiro³

Resumo

O presente trabalho objetivou problematizar enunciados produzidos por adolescentes; dessa forma, o caminho escolhido para fazer assomar o material empírico foi assistir ao filme: “*Speak*”. No filme a adolescente Melinda inicia o primeiro ano do ensino médio, deprimida e confusa, havia sofrido um estupro em uma festa por um adolescente mais velho, e envolvida pelo medo da revelação não falou sobre o que sofrera com ninguém. Após assistir ao filme os/as adolescentes desenvolveram uma representação com imagens e frases. As discussões perpassaram pelo estupro sofrido por Melinda e por outras formas de violências sexuais. Cada representação criada pelos/as adolescentes se tornou uma peça de um quebra-cabeça que ao final pôde ser problematizado em uma plenária com todo o grupo.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Violências sexuais.

Apontamentos iniciais

O presente trabalho entrelaça os temas das violências sexuais contra adolescentes e ações estratégicas mediante a utilização do filme “O Silêncio de Melinda” (2004), para a construção de intervenções preventivas em uma escola do município de Lavras/MG.

O motivo da escolha do tema se referente ao envolvimento pela causa de uma estudante dos anos finais do ensino fundamental que estava sendo assediada por um pedófilo, que solicitava insistentemente fotos da adolescente nua, até que a menina enviou. A família percebeu o que estava acontecendo e acionou a escola, para indicar que outras/os adolescentes também poderiam estar sofrendo a mesma situação.


A coordenação pedagógica acionou os/as educadores/as que em reunião para estudos prepararam a oficina que descreveremos a seguir. É importante destacar que todo material pedagógico da escola considera as questões de gênero na linguagem e busca transversalmente

¹ Mestre em Educação pela Ufla. Integrante do grupo de estudos: Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente - FESEX/UFLA.

² Doutorando em Educação (CAPES) pelo PPGE na Universidade Federal de São Carlos – SP – Brasil. Integrante do grupo de estudos: Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente - FESEX/UFLA.

³ Jornalista. Especialista em Educação pela Ufla. Integrante do grupo de estudos: Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente - FESEX/UFLA.





abordar temas relacionados a gênero, sexualidade, homoafetividade e respeito às diferenças, bem como parte do corpo docente em formação nas referidas temáticas.

A formação docente é um compromisso ético do grupo de estudos: Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente (Fesex/ Ufla), coordenado pela professora Cláudia Maria Ribeiro, que vem produzindo diversos materiais como os livros: Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil (2012) e Borbulhando: enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais (2017), que foram utilizados para subsidiar teoricamente as oficinas.

Assim, o presente trabalho tem o objetivo de problematizar enunciados produzidos por adolescentes de uma escola particular, em oficinas temáticas sobre as violências sexuais contra adolescentes. De antemão é necessário, entretanto, que recorramos ao entendimento do filme utilizado na oficina para que possamos desmembrar o que a película pode subjetivar nesses/as adolescentes. Dessa forma, no próximo tópico, delinearemos sobre a história de Melinda no filme “O silêncio de Melinda” (2004), bem como algumas problematizações que se fazem necessárias ao pensar o cinema, as violências sexuais e os silenciamentos.

Filmes: múltiplas possibilidades

Como dito anteriormente, o filme escolhido para desencadear problematizações com os/as adolescentes foi “O silêncio de Melinda” (2004, a película possui duração de 89 minutos e é de fácil acesso para visualização.) Sua sinopse nos traz:


É o primeiro dia do primeiro colegial para Melinda, mas ela não se mistura à euforia dos corredores da escola, na verdade é como se nem estivesse ali. Isolada pelos amigos por ter chamado a polícia durante uma festa da galera, ela não consegue falar do terrível trauma que sofreu naquela noite, nem para as amigas, nem para si mesma. Mas decide tentar reencontrar sua voz e, finalmente, se expressar⁴.

Embasados na perspectiva do modo de endereçamento que esse filme nos traz, abordamos, a partir de uma breve análise, algumas temáticas relevantes que perpassam as imagens. A primeira delas, no que se refere à sinopse, a de um terrível trauma que está diretamente relacionada a questão da violência sexual sofrida pela protagonista da trama e, uma segunda questão, o silenciamento da personagem durante o enredo.

Diante da abordagem é importante entendermos como o cinema opera com esses modos de endereçamentos e de como sua utilização é um importante detonador de enunciados

⁴ Sinopse retirada do site <https://filmow.com/o-silencio-de-melinda-t7708/>





e modos de subjetivação para quem os visualiza, se tornando dessa forma potentes recursos para que os/as adolescentes possam problematizar sobre a temática e compartilhar suas experiências e seus discursos enquanto telespectadores/as críticos/as.

Dessa forma, pensando nas contribuições de Ellsworth (2001, p. 11) sobre os modos de endereçamento, termo concretizado a partir dos estudos do cinema, nos convoca a pensar no seguinte questionamento: “quem este filme pensa que você é?”, ou seja, de que forma a película escolhida age sobre as subjetividades dos/as adolescentes e o que eles/as pensam a respeito disso? Foi a partir desse ponto que justificamos a escolha de trabalhar com o cinema na oficina abordando as temáticas presentes neste trabalho.

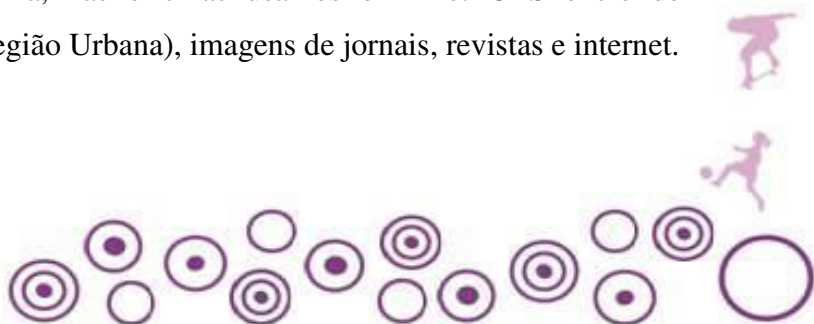
Mediante isso, pretendemos adentrar uma perspectiva analítica no entendimento da obra; o primeiro ponto a ser notado é o nome do filme que no seu título original é “Speak” e que na tradução para o português, na forma verbal, seria “falar”, mas traduzido como “O Silêncio de Melinda”. Formas muito antagônicas e diversas em suas conotações, mas que simbolizam e denunciam alguns embates ao assisti-lo: processos de silenciamento frente às violências sexuais e uma vontade quase que desesperadora de falar, de poder denunciar tudo que se passara.

O silêncio e a vontade da fala estão quase que imbricados quando tratamos das violências sexuais. Primeiramente, o silêncio se faz presente frente ao medo da exposição e a vontade de falar como um ato que permearia uma possibilidade de libertação e resistência daquele momento vivenciado, numa busca de ajuda ou de socorro. Dessa forma, no próximo tópico propomos delinear sobre questões que envolvem as adolescências e as violências que a partir do filme foram possíveis de serem problematizadas nas oficinas temáticas.

Sobre adolescências e violências nas oficinas temáticas

O uso dos plurais é intencional, para desafiar as nossas noções de normalidade e neutralidade da linguagem, compreendendo-a para além de um elemento fundamental para a comunicação entre os seres humanos, mas como prática discursiva que produz os sujeitos e os objetos.

Os enunciados que analisamos, foram produzidos em oficinas temáticas. A metodologia das oficinas consiste em entrelaçar artefatos culturais diversos para detonar problematizações sobre determinado tema, nas oficinas usamos o filme: O Silêncio de Melinda, a música: Quase sem querer (Legião Urbana), imagens de jornais, revistas e internet.





Segundo Faria e Paulino (2012, p. 360):

Considerando a enorme penetração que esses artefatos culturais tem tido no mundo contemporâneo, podemos pensar, portanto, que estes, constituem-se como recursos pedagógicos para construção de conhecimentos e saberes, e fazem parte de um amplo e eficiente currículo cultural, produzidos especialmente pela mídia.

Considerando a música um artefato cultural, utilizamos intencionalmente a música: “Quase sem querer” (Renato Russo), da qual os/as estudantes destacaram o trecho: “Mas não sou mais tão criança, a ponto de saber tudo”. Destaca-se no decorrer das oficinas o tema construção das adolescências e que cada sujeito adolescente se constitui de modo subjetivo.

Nesse momento foram construídos tópicos em que os/as estudantes narravam ações que para eles/as eram consideradas próprias de crianças e outras consideradas próprias de adolescentes, e no momento de apresentar os tópicos para o grupo todo, perceberam que o que um colega considerou ser uma ação de criança outro considerou uma ação de adolescente, demonstrando que é necessário repensar a lógica que uniformiza padrões, e considerar a multiplicidade. Para além da lógica binária do bem ou do mal, do adolescente ou criança, trata-se de polissemia, a tessitura no contexto dos estudos culturais não é *ou* isso / *ou* aquilo, mas isso *e* aquilo.

É possível ser adolescente *e* gostar de brincar, de jogar, não devemos determinar o que é próprio de cada idade e engessar os sujeitos nesses discursos que padronizam, mas considerar que cada sujeito se constitui adolescente, jovem, criança, de modo único, esse é o contexto da construção das diferenças.

Sobre as violências, ao assistir ao filme “O Silêncio de Melinda”, os/as adolescentes responderam (oralmente) a questão: quais silêncios você percebeu no filme?

Nas rodas de conversa disseram que o principal foi da personagem que não conseguia revelar a violência sofrida, ou seja, contar que havia sido violentada em uma festa por um adolescente mais velho.

Assim, apontamos teoricamente para os/as adolescentes que a violência é uma produção humana e, portanto, deve ser compreendida considerando contextos históricos, sociais e culturais. O conceito do que pode ser considerada uma ação violenta em países ocidentais, por exemplo, pode ser diferente das concepções em países orientais, entretanto existem Direitos Humanos que em meio aos muitos entrelaces que se desenham na sociedade pós-moderna constituem possibilidades de enfrentamentos ao que possa ser considerado desrespeito ao sujeito em qualquer meio social e cultural (FARIA, 2013).



Violências sexuais contra adolescentes

As violências sexuais são atos relacionados a obtenção de prazer sexual de um sujeito usando para isso outro sujeito, em uma relação de força e opressão que pode ter marcas físicas ou não. Para Faria e Paulino (2012) na literatura mundial, as violências sexuais ocorrem universalmente, e devido a fatores como medo, falta de credibilidade no sistema legal e o silêncio cúmplice que envolve as vitimizações sexuais, as mesmas são de difícil notificação.

No filme, a personagem principal, a adolescente Melinda estava em uma festa com as amigas, e teve interesse em *ficar* (termo usado no filme e também no nosso cotidiano) com outro adolescente um pouco mais velho, mas não queria o ato sexual a que foi forçada e que gerou uma profunda angústia, medo e dificuldades nos relacionamentos que a adolescente construiu após a violência.

Assim, para problematizar o tema, os/as estudantes foram divididos em quatro grupos, cada grupo deveria produzir um cartaz, usando imagens de revistas e frases que para eles/as sintetizassem as discussões desenvolvidas no decorrer das oficinas temáticas.

Na imagem 1, é possível observar o cartaz do 6º e 7º ano:

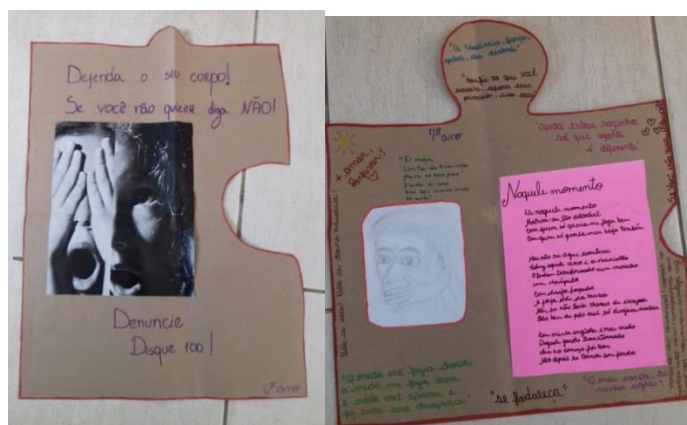



Imagem 1: Foto do cartaz do 6º ano. Imagem 1: Foto do cartaz do 7º ano.

Nas imagens 1, foram destacados aspectos fundamentais das violências sexuais contra crianças e adolescentes, a denúncia e a prevenção. Tendo em vista o contexto do estupro presente no filme, foi indicado no enunciado construído pelos/as adolescentes: ‘Defenda seu corpo! Se você não quer diga não!’, esse aspecto está relacionado a prevenção às violências sexuais que passa pela proteção do próprio corpo, mas muitas vezes não basta dizer não, é necessário evitar contextos em que se esteja vulnerável às violências, mas caso ocorra alguma forma de violência foi destacado também a denúncia por meio do *Disque 100*.

Esse número é um canal direto para se denunciar violências sexuais no qual as queixas recebidas são analisadas e encaminhadas aos órgãos de proteção, defesa e responsabilização,



de acordo com a competência e as atribuições específicas, priorizando o Conselho Tutelar como porta de entrada, no prazo de 24 horas, mantendo em sigilo a identidade da pessoa denunciante.

Na imagem 2, destaca-se a necessidade que o/a adolescente tem de ser ouvido/a quando tem algo a dizer com relação ao seu próprio corpo, a sexualidade e a possíveis violências. Os rótulos de “aborrecente”, ou de que adolescência é uma fase muito difícil e de indecisões, oprime e dificulta a comunicação com um/a pessoa de confiança que possa colaborar na prevenção, no cuidado e na denúncia de crimes sexuais contra sujeitos que estão vivendo as adolescências.



Imagem 2: Fotos dos cartazes do 8º e 9º ano.

Considerações finais

Cada cartaz produzido foi uma peça de um quebra-cabeça montado ao final das discussões e apresentações dos grupos.

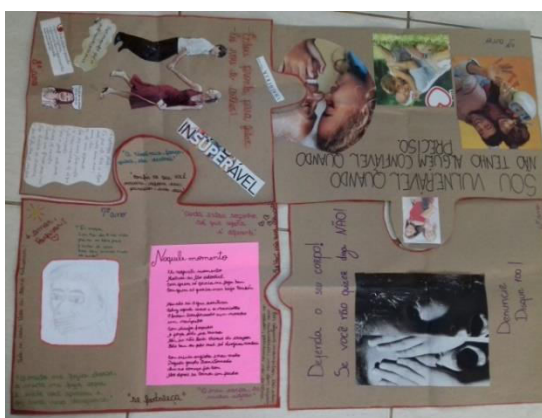



Imagem 3: Quebra-cabeça montado com os quatro cartazes.





A escolha desse símbolo foi intencional e se refere a tentativa de resolver um problema complexo, já que o jogo assim chamado instiga o raciocínio e as estratégias que devem ser articuladas para conseguir concluir o objetivo de se visualizar uma imagem completa.

Na imagem 3, está o quebra-cabeça montado, remetendo as características complexas do fenômeno das violências sexuais, demonstrando como ações que se complementam, como as peças de um quebra-cabeça, podem ser articuladas para prevenção e denúncia.

Referências

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In: Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FARIA, Livia Monique de Castro; PAULINO, Alessandro Garcia. Entre Marias e Preciosas: Textos culturais, gênero e violência sexual. *In: Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil*. Ed. UFLA. Lavras, 2012. p. 355-370.

FARIA, Livia Monique de Castro. **Violências sexuais**: O borbulhar de discursos de profissionais da Educação Infantil. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal de Lavras, 2013.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

